



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Geociências
Instituto de Artes
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

Juliana Martin Stern
Letícia Naísa Acerbi da Silva

‘Museologia’
O podcast que te conta a ciência por trás dos museus

CAMPINAS,
2022

**Juliana Martin Stern
Letícia Naísa Acerbi da Silva**

MUSEOLOGUIA
O podcast que te conta a ciência por trás dos museus

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Geociências,
Instituto de Artes e Laboratório de
Estudos Avançados em Jornalismo da
Universidade Estadual de Campinas.**

Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Sabine Righetti

**Este exemplar corresponde à versão
final do Trabalho de Conclusão de Curso defendida pelas
alunas Juliana Martin Stern e Letícia Naísa Acerbi da Silva e orientadas pela/o
Profa. Dra. Sabine Righetti**

**CAMPINAS,
2022**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

St45m Stern, Juliana Martin, 1996-
Museologia : o podcast que te conta a ciência por trás dos museus / Juliana Martin Stern, Letícia Naísa Acerbi da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Sabine Righetti.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Museu Paulista. 2. Divulgação científica. 3. Jornalismo científico. 4. Museologia. 5. Podcasts. I. Silva, Letícia Naísa Acerbi da, 1993-. II. Righetti, Sabine, 1981-. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

Museu Paulista
Scientific Communication
Science Journalism
Museology
Podcasts

Titulação: Especialista

Data de entrega do trabalho definitivo: 12-12-2022

Agradecimentos

Às nossas famílias, que nos deram apoio para que chegássemos até esse ponto das nossas carreiras.

Às nossas amigas Ludimila, Greta, Bárbara F, Bárbara G e Bianca pelas anotações trocadas, pelos trabalhos em grupo, pelos almoços na Praça da Paz, pelas risadas, sonecas e cantorias na estrada, pela confiança na habilidade das condutoras (nós), pelas trocas de memes e figurinhas e pela promoção de entretenimento no WhatsApp, pelos ombros amigos e ouvidos sempre dispostos a receber desabafo, por enxugar nossas lágrimas, sejam de tristeza ou de felicidade. Não teríamos terminado este curso sem vocês.

À nossa orientadora Sabine Righetti, que já conhecíamos de outras fases da vida e que reencontramos com alegria no Labjor, que é a pessoa que queremos ser quando crescermos e que sempre manteve a porta aberta de sua sala para nos escutar e nos aconselhar – obrigada por ter acreditado não apenas no nosso projeto, mas em nós para tirá-lo do papel.

À nossa coordenadora, Germana Barata, sempre gentil e compreensiva conosco. Aos nossos professores do Labjor, que iluminaram o caminho até o final deste curso. Às nossas fontes especialistas que reservaram espaço em suas agendas para tirar nossas dúvidas e nos ensinar ainda mais sobre a divulgação científica nos museus. Obrigada pelo tempo, que sabemos ser valioso na vida dos professores e pesquisadores.

Ao Daniel, que não desistiu da Letícia nessa reta final da pós nem mesmo quando ela pediu a ele para editar o nosso podcast – obrigada pelo carinho e torcida durante todo o processo de apuração deste trabalho.

À Gabriela, que chegou aos 45 do segundo tempo, mas foi essencial para a finalização deste trabalho – obrigada pela compreensão, carinho e apoio.

E aos nossos pets que nos deram amor incondicional durante os 18 meses deste curso.

Resumo

O presente relatório descreve o processo de apuração, produção e realização do trabalho “Museologia”, um podcast original criado durante o segundo semestre de 2022 como trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação *lato sensu* em Jornalismo Científico do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). O episódio é o piloto de um projeto que visa contar o que há de ciência por trás dos museus. Para o desenvolvimento deste trabalho foram entrevistados quatro especialistas nas áreas de história e museologia e foram feitas três visitas ao Museu Paulista, objeto de estudo do primeiro episódio do “Museologia”, além de leituras relacionadas aos temas.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Jornalismo Científico; Museologia; História; Museu Paulista; Museu do Ipiranga; Podcast

Abstract

This report describes the process of production and realization of the work “Museologia”, an original podcast created during the second half of 2022, as a final course work of the *lato sensu* post-graduation in Science Journalism at Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo), from Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). The episode is a pilot of project that aims to tell the science behind museums. For the development of this work, four specialists in the areas of history and museology were interviewed and three visits were made to the Museu Paulista, object of study of this first episode of “Museologia” podcast, in addition to readings related to the subject.

Keywords: Scientific Communication; Science Journalism; Museology, History; Museu Paulista, Museu do Ipiranga, Podcast

Lista de abreviaturas e siglas

DC – Divulgação Científica

Ibram – Instituto Brasileiro de Museus

MP – Museu Paulista

Labjor – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

Sumário

Apresentação.....	9
Discussão.....	10
1.O papel dos museus na divulgação científica.....	10
2.Museu do Ipiranga: personagem principal.....	11
2.1 Exibição: Passados Imaginados.....	13
3. O podcast e a divulgação de ciência.....	15
4. Museologia.....	17
4.1. Origem e objetivos	17
4.2. Entrevistas, visitas ao museu e desafios encontrados.....	18
4.3. Produção, roteiro e linguagem.....	19
4.4. Resultados.....	20
Conclusão.....	22
Bibliografia.....	23
Anexos.....	25

Apresentação

Quando começamos este curso de pós-graduação em Jornalismo Científico no Labjor, ainda estávamos em uma fase da pandemia que não nos permitia sair de casa. A vacina estava sendo disponibilizada aos poucos e, por isso, nosso primeiro semestre de aulas foi totalmente online. Nós duas tivemos a sorte de podermos trabalhar no conforto de nossos lares. Saindo pouco, trabalhando e estudando muito, nos restou buscar alternativas de entretenimento na internet.

Assim como boa parte dos jovens adultos da nossa faixa etária (entre 25 e 30 anos), passamos muitas horas do nosso tempo em casa ouvindo podcasts. Vimos, então, a oportunidade de criar um projeto nosso, original e único para a apresentação deste TCC.

Juntamos duas coisas que nos interessam, ciência e turismo, neste trabalho que chamamos carinhosamente de “Museologia”. Aqui, contamos o que há de ciência por trás das “coisas e trechos” que ficam expostas nos museus que visitamos. Paulistas que somos, resolvemos investigar um dos museus mais aguardados dos últimos nove anos a ser reaberto: o Museu do Ipiranga.

Guardião da memória e da identidade de São Paulo, o MP é um dos museus mais antigos do Brasil, e nasceu com a missão de ser uma instituição científica, assim como o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que foi pioneiro. Ao longo do tempo tornou-se um museu de história – que não deixa de ser também uma área produtora de ciência e de conhecimento.

Enxergamos que os museus além de produzir ciência, colocam o público em contato com os resultados de pesquisas científicas, tornando-os peças importantes quando falamos sobre DC.

Esperamos que todos os leitores deste relatório e ouvintes do nosso programa façam uma boa viagem pelo tempo e pela história, assim como nós fizemos durante a produção deste trabalho.

Discussão

1. O papel dos museus na divulgação científica

Para começar a discutir o papel dos museus na divulgação de ciência, primeiro é preciso definir o que é divulgação científica (DC). Para este trabalho, usaremos a definição de Bueno (1985) que compreende a DC como a comunicação que utiliza recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral, a partir de um processo de recodificação de uma linguagem especializada para uma não-especializada a fim de tornar o conteúdo acessível para uma vasta audiência.

Considerando, portanto, que a divulgação científica tem como objetivo promover um diálogo entre a ciência e a sociedade, o espaço museológico desempenha o papel de veículo dessa comunicação. Principalmente quando se observa o trabalho de museus de ciência.

Para Loureiro (2003), museus de ciência são caracterizados pela difusão da ciência e os produtos tecnológicos dela derivados, utilizando “meios de comunicação e exposições interativas estruturadas o mais próximo possível do método científico” enquanto conversam com a sociedade. Além disso, os museus de ciência também são instituições voltadas à preservação, gestão e difusão da história, produtos e influências socioculturais da ciência. Nesse sentido, segundo Loureiro, os museus de ciências configuram-se ainda, principalmente por meio da exposição museológica, como instrumentos de DC.

Em face disto, acreditamos que os museus científicos se constituem em espaços de divulgação científica, tendo em vista que buscam "(...) transferir aos não-iniciados informações especializadas de natureza científica e tecnológica" (BUENO, 1985, p. 1422) valendo-se da recodificação da linguagem semântica e não-semântica, instrumentos e/ou produtos científicos e tecnológicos que tornam-se objetos musealizados. A instrumentalização e ênfase no objeto musealizado são os elementos mais expressivos que diferenciam a instituição museológica dos demais meios de DC. (LOUREIRO, 2003).

2. Museu do Ipiranga: personagem principal

O Museu do Ipiranga, cujo nome oficial é Museu Paulista (MP), foi escolhido como objeto para produto jornalístico resultante da pós-graduação. Essa escolha se deu, dentre outros fatores, pela reabertura do museu à visitação depois de nove anos fechado para trabalhos de restauração e reforma. A abertura coincidiu com os 200 anos de Independência do Brasil, fato que é um dos principais objetos de estudo da instituição.

Para contextualizar melhor a posição do MP como instituição museológica de grande relevância no Brasil, devemos lembrar que o primeiro museu, como tal, foi criado no país apenas depois da mudança da família real portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Com o Brasil elevado à categoria de Reino Unido em 1815, um decreto possibilitou a criação do Museu Real, inaugurado em 1818, que passou a ser denominado Museu Nacional a partir da proclamação do Brasil como República.

Depois dele, surgiram o Museu Goeldi de História Natural (1871), em Belém, no Pará, e o Museu Paranaense (1876) em Curitiba, no Paraná. Todos criados à semelhança do – à época – Museu Real.

O MP é fundado durante a República. Inaugurado em 1895, sua primeira função foi abrigar uma coleção de História Natural do Museu Sertório, uma instituição particular de São Paulo. Ele acabaria por se tornar um museu histórico que se tornaria modelo para muitos outros no país, principalmente a partir de 1917 (ANAIS, 2018).

No livro “O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder, o Museu Paulista 1893-1922”, de Ana Maria Alencar Alves, a autora expõe que as primeiras exposições do MP passaram por diferentes áreas de estudo das ciências naturais, como botânica, zoologia, antropologia, geologia. Ela aponta ainda que o museu foi precursor nas discussões de ecologia já que o primeiro diretor, Hermann von Ihering, realizou diversos ofícios defendendo a preservação das matas, pedindo proteção para a área dos saltos do Iguaçu e apelando em favor da criação de um parque

nacional na área. Nessa época, a história estava presente, mas ainda discreta, mesclada entre as demais coleções.

O papel do MP como museu de história seria concretizado entre 1917 e 1922 sob a direção de Afonso d'Escragnole Taunay, biógrafo, historiador, ensaísta, lexicógrafo, tradutor, romancista, heráldico e professor brasileiro.

Como aponta o artigo “Um museu de história em um lugar de memória”, da historiadora Solange Ferraz de Lima, disponível na publicação “Anais: 200 anos de museus no Brasil desafios e perspectivas do Ibram”:

Taunay concretizou o essencial referente ao que hoje conhecemos como o eixo monumental, que reúne pinturas e esculturas representando cenas e personagens protagonistas do movimento de independência e da formação da nação, com destaque para as bandeiras, e os bandeirantes. Embora documentos textuais e mapas também estivessem presentes nas duas primeiras salas que montou em 1917, a história nacional, representada expograficamente, tinha como suporte privilegiado a iconografia com predomínio de retratos de vultos da história destinados a serem cultuados e rememorados. As pinturas e as esculturas encomendadas atendiam ao propósito de narrar a formação da nação por meio do apelo estético. A narrativa cumpria também papel pedagógico importante: ensinava-se por meio dos modelos exemplares representados nas pinturas de temas históricos. Assim, funções celebrativas, de culto e pedagógicas concorreram para a formação de um dos mais potentes imaginários em torno da independência do Brasil. (LIMA, 2018).

Desde então, a instituição se tornou uma sede tradicional das comemorações da Independência do Brasil. E não perdeu este lugar nos 100 anos que se seguiram, tanto que em sua reinauguração em 2022, realizada na semana do 7 de setembro em que também se celebrava os 200 anos da Independência, o museu abriu as portas para centenas de pessoas, visitas escolares, cerimônias e shows gratuitos.

Outro papel que foi construído na época de Taunay e que dura até hoje é essa prerrogativa de lugar de memória da formação da nação brasileira.

As pinturas e esculturas de seu acervo são matrizes visuais do ensino de história. As pesquisas de Taunay ajudaram no apelo popular que o MP teve ao longo de sua vida e a política de acervo garantiu um caráter epistemológico à História ali

produzida – pautada pela investigação científica do modo de produção de conhecimento daquele momento e valorizando, sobretudo, fontes textuais, cartográficas e fotográficas para serem mobilizadas por pesquisadores na produção de sua história visual (LIMA, 2018).

Taunay via o Museu Paulista como um centro de pesquisa antes mesmo da integração definitiva à Universidade de São Paulo, em 1963, que consolidou o compromisso da instituição com a pesquisa e a educação. Em 1990, sob a direção de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, o MP vira um museu exclusivamente de História, especializado no campo da cultura material, focando na sociedade brasileira em que predominam os acervos oitocentistas e do século XX, até 1960, e com linhas de pesquisa instituídas no Plano Diretor de São Paulo: Cotidiano e Sociedade, História do Imaginário e Universo do Trabalho

2.1 Exibição: Passados Imaginados

Outra característica do trabalho do MP, apontado no artigo “O Museu, um ator sui generis na construção do campo científico e da nacionalidade no Brasil do século XIX”, de Luciana Sepúlveda Köptcke, é que o museu contemplava, na época de sua fundação, simultaneamente o desejo imperial de celebrar a proclamação da Independência como marco da jovem nação brasileira e a intenção republicana de afirmar o papel da ciência e da instrução no desenvolvimento futuro de um povo “civilizado” (KÖPTCKE, 2004).

Apesar de se referir ao momento político de sua inauguração, o objetivo de elevar a proclamação da independência e, mais tardar, a formação da cidade e estado de São Paulo, continuou. Ao longo da gestão de Taunay (que durou até 1945) as salas do Edifício-Monumento foram sendo paulatinamente preenchidas com pinturas que tinham sempre como temática a grandiosidade de São Paulo. É o caso das representações pictóricas da São Paulo oitocentista, baseadas em fotografias de Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), ou da maquete de São Paulo, ou ainda da série de pinturas sobre as monções, os bandeirantes e a vida tropeira nos sertões paulistas.

Depois da reformulação e reforma do Museu, essas peças ainda constam no acervo e em exposição. Porém, não com a propensão de construir uma imagem heróica de São Paulo, mas sim de questioná-la.

Para nosso projeto, escolhemos destacar a exposição “Passados Imaginados”, uma das novas exposições do MP. Nela, é possível conhecer pinturas que representam cenas e personagens do passado brasileiro. São imagens bastante conhecidas, como o quadro Primeira Missa no Brasil, muito presentes em livros escolares ou outros objetos do dia a dia. O objetivo da exposição é destacar que essas obras foram feitas a partir de visões elitistas que desvalorizavam a presença dos indígenas e negros no passado brasileiro e no paulista.

Além das obras, o MP também disponibiliza textos, desenhos, figuras, vídeos e animações que chamam a atenção do público para o que a curadoria chama de “contrapontos”. Nesses contrapontos, a exposição convida o visitante a refletir o que vê nas obras expostas e entender que o que está retratado, a visão do artista, não reflete os fatos e não pode ser tomado como uma verdade.

Essa escolha foi feita porque entendemos que o MP está tomando um caminho de descolonizar a divulgação da história. Como escreve Brenda Caro Cocotle, coordenadora curatorial do Museu de Arte Moderna da Cidade do México, no artigo “Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea”:

Ou descolonizamos o museu, ou nada feito; temos de descolonizar o museu porque temos de justificar sua existência e permanência; temos de descolonizar o museu porque é uma instituição fossilizada, pesada, rígida, “envelhecida”; temos de descolonizar o museu porque nos incomoda. (...) Poucos ousariam contestar o fato de que o museu é produto de uma narrativa colonial e, ao mesmo tempo, seu dispositivo. Por isso tem crescido um clamor contra a instituição, reclamando que ela instaure práticas não coloniais, entendidas sobretudo no plano das políticas de exibição e de coleção. Essa exigência se estendeu também ao arquivo, concebido como um exercício institucional de esquecimento seletivo. (COCOTLE, 2019).

Na visão da curadora, a descolonização do museu tornou-se urgente e é cada vez maior o número de instituições que implementam projetos curatoriais,

programas públicos, atividades educativas, mesas de debate e atividades de vinculação que propõem formas de atingir esse objetivo (COCOTLE, 2019).

Na exposição “Passados Imaginados”, o MP assume também a posição de questionador, explicando em textos e vídeos de apoio que a posição, expressão e composição dos personagens representados nas pinturas, por exemplo, contam uma história da visão dos colonizadores portugueses e, eventualmente, dos seus descendentes que compuseram a elite paulista do século XIX.

3. O podcast e a divulgação de ciência

É importante lembrar que a divulgação científica não é feita apenas por jornalistas. Ela pode ser realizada por qualquer indivíduo, seja ele um acadêmico, cientista ou estudioso (BUENO, 1985).

Entretanto, muitas vezes a informação é restrita a centros de pesquisa, universidades ou é disponibilizada somente em linguagem científica e estrangeira de difícil compreensão para a maioria da população, falhando em dar clareza e objetividade aos conteúdos a fim de levar o conhecimento científico para mais perto da sociedade em geral. O podcast surge como uma tecnologia alternativa, extremamente potente na difusão de informações através de áudios com linguagem acessível, descontraída e que podem ser ouvidos a qualquer hora do dia e em qualquer espaço geográfico (CHAVES, et. al, 2020).

Podcast é uma tecnologia que deriva do rádio, usando o formato de áudio em sua produção. Entretanto, o podcast tem como diferencial ser distribuído de maneira digital, seja em formato mp3 ou via streaming, e possibilita ser ouvido sob a demanda do ouvinte. Ou seja, a pessoa que está ouvindo o podcast decide quando, onde e por qual meio irá fazê-lo.(CAVALCANTI, 2021)

Além disso, em sua grande maioria os podcasts são distribuídos de maneira gratuita e podem ser acessados por qualquer um que tenha acesso à internet. Por isso, consideramos o formato um meio útil para se divulgar ciência.

A escolha do formato para o produto jornalístico final também considerou a liberdade de tempo, linguagem e aprofundamento do tema. Nesse sentido, para que haja uma boa DC é preciso que elementos específicos sejam usados na comunicação. Segundo diz Lucas Silva Beserra de Oliveira em seu trabalho “Análise e categorização da divulgação científica em podcasts”:

(...) se for utilizado algum conceito específico, algo que seja imprescindível para a explicação, e que não seja de conhecimento do público leigo, é preciso que se tenha a explicação do mesmo. (...) Esperamos, portanto, que os podcasts expliquem possíveis conceitos, definições, que não são de conhecimento do público leigo, para que não sobrem possíveis dúvidas sobre o que eles estão tratando. Usaremos, portanto, trechos com explicações que ajudam a entender uma parte do assunto discutido. (OLIVEIRA, 2021)

No presente projeto, dois dos métodos de explicação efetivos mencionados por Oliveira foram incluídos no produto final: humor e analogias.

O humor aparece na DC para fazer com que o podcast fique mais fluido, mais acessível. Assim, ressalta-se que o uso de humor para a divulgação de ciência não pode ser visto como algo inferior, de “baixa qualidade”. Já a analogia é um recurso importante para a DC pois ela pode simplificar uma ideia que está sendo passada para se tornar mais inteligível para o público leigo (OLIVEIRA, 2021).

Além disso, também foi considerado o alcance do podcast para público alvo selecionado. Segundo resultado da mais recente PodPesquisa (2019), realizada com mais de 16 mil ouvintes pela Associação Brasileira de Podcasters, cerca de metade do público que consome podcasts têm entre 20 e 29 anos, seguida da faixa entre 30 e 39 anos. Seis em cada dez estão cursando ou concluíram nível superior e 20% têm pós-graduação completa. Além disso, segundo a pesquisa, dos 20 programas mais ouvidos no país, dois são de DC: SciCast e Naruhodo.

4. Museologia

4.1. Origem e objetivos

O “Museologia” foi pensado para ser como uma visita a um museu, mas sob um olhar voltado à produção científica nos bastidores das exposições. Unindo as palavras “Museologia” e “Guia” para criar o título – que foi sugerido pela Juliana na estrada entre Campinas e São Paulo –, nosso objetivo é conduzir o ouvinte pelos corredores do museu e guiá-lo até a ciência que há por trás daquilo que está exposto, mostrando o que há além do que o público visitante vê.

A ideia, no entanto, não nasceu pronta. Inicialmente, nós não tínhamos pensado em trabalhar juntas. A Juliana queria fazer um projeto multimídia sobre o Zoológico de São Paulo, enquanto a Letícia queria contar histórias de vida de cientistas contemporâneos das cinco regiões do Brasil em podcast.

No final do primeiro semestre de 2022, durante a escrita do trabalho final para a disciplina “História da Comunicação da Ciência”, ministrada pela professora Germana Barata, nós trocamos ideias sobre nossos temas, e percebemos que tínhamos muito mais em comum do que pensávamos. Ao invés de trabalharmos separadamente, unimos forças para criar um projeto único, que acabou sendo o “Museologia”.

A primeira ideia era fazer uma plataforma para divulgação de conteúdo multimídia. Ao longo da apuração, no entanto, nossa orientadora nos sugeriu que nosso foco fosse apenas em um museu, mas de forma mais ampla. Ao invés de pequenas pílulas sobre vários museus, resolvemos focar no Museu Paulista, que foi reaberto no dia 7 de setembro de 2022 em comemoração aos 200 anos da Proclamação da Independência do Brasil.

Usando o marco como gancho, investigamos a divulgação de uma área pouco vista como ciência de fato dentro da Academia: as ciências humanas.

Escolhemos o formato de podcast por ser um formato de crescente popularidade e por exigir menos recursos em termos de equipamentos do que um projeto audiovisual. Também não optamos por trabalhar com texto por ser um formato que já faz parte das nossas rotinas de trabalho. Quisemos nos desafiar a produzir algo novo para nós e que fosse adaptável à nossa rotina e ao nosso acesso a equipamentos.

4.2. Entrevistas, visitas ao museu e desafios encontrados

Depois que definimos que o nosso objeto de pesquisa seria o MP, buscamos a assessoria de imprensa do museu com dois objetivos: visitar as instalações e entrevistar curadores e pesquisadores do espaço. Um dos grandes desafios para a realização deste trabalho foi conseguir um retorno da comunicação do MP. Não conseguimos respostas por e-mail, então investimos no WhatsApp como principal meio de comunicação com um dos assessores de imprensa do Museu.

Após a reabertura do Museu, a visita guiada que queríamos fazer não estava confirmada, então, nossa primeira visita aconteceu na tentativa no dia 19 de outubro de 2022. Sem conseguir ingressos pela plataforma Sympla – onde o MP disponibiliza os ingressos gratuitos semanalmente às sextas-feiras a partir das 11h –, tentamos a sorte. Com o gravador do celular em mãos, demos o pontapé inicial para o projeto.

A exposição “Passados Imaginados” chamou a atenção por conta da presença de vozes pouco usuais quando se conta a história do Brasil. Imaginamos, então, que ali estaria parte importante da ciência por trás dos objetos do museu e fomos atrás de fontes. Insistimos bastante com a assessoria de imprensa do Museu, mas também buscamos fontes de outros lugares.

Buscamos artigos científicos sobre os temas de divulgação científica e museus, perguntamos a colegas e amigos que trabalham na área e enviamos e-mails a seis pesquisadores não ligados à instituição com pedidos de entrevista. Destes, quatro foram respondidos e apenas dois aceitos. As mensagens foram enviadas entre os dias 29 de setembro e 12 de novembro.

Uma segunda visita foi feita ao Museu no dia 16 de novembro, após aquisição dos ingressos gratuitos para o horário das 16h. O passeio também foi gravado com um gravador para captação de sons ambientes que pudessem ilustrar a experiência do ouvinte.

Conseguimos retorno da assessoria de imprensa do museu também no dia 16 de novembro, por telefone, pela manhã, e uma visita guiada com a professora Ana Paula Nascimento foi agendada para o dia 18 de novembro às 11h.

As entrevistas foram realizadas conforme tabela abaixo:

Nome do entrevistado	Instituição	Data da entrevista	Plataforma
Amâncio Jorge de Oliveira	Vice-Diretor do MP	08/11/2022	Google Meets
Luciana Conrado Martins	Percebe	16/11/2022	WhatsApp
Inês Gouveia	USP	17/11/2022	Google Meets
Ana Paula Nascimento	Professora do MP	18/11/2022	Presencial

4.3. Produção, roteiro e linguagem

Após a realização das entrevistas e da visita guiada, fizemos as transcrições com ajuda do programa Pinpoint, do Google, e da plataforma oTranscribe para selecionar os trechos que seriam utilizados no podcast. Durante a seleção, pensamos em uma ordem narrativa: queríamos que o nosso ouvinte se sentisse dentro do museu conosco. Decidimos contar a história de como a ciência ajudou a recontar a história da construção da identidade brasileira e paulista com uso de trechos gravados dentro do museu, além das conversas com especialistas por plataformas online.

Assim, determinamos que a ordem seguiria o caminho até o museu, em seguida a entrada e, então, a passagem pela exposição escolhida, a “Passados Imaginados”. Inspiradas por outros podcasts, como o “Projeto Querino” (2022), “Vinte Mil Léguas” (2021) e “37 Graus” (2018), todos que têm relação com a divulgação de ciência, construímos o roteiro no formato narrativo.

O roteiro foi escrito na plataforma Google Docs e compartilhado posteriormente com o editor do projeto, Daniel Rechtman, que nos ajudou de forma voluntária, e com a nossa orientadora Sabine Righetti. A trilha sonora foi escolhida por nós na plataforma de áudio gratuita Looperman. Os efeitos sonoros foram selecionados por Rechtman durante a edição no programa iMovie.

Optamos pelo uso de uma linguagem informal e acessível pensando em nosso público-alvo: pessoas interessadas em museus, ciência e divulgação científica. Levamos em consideração o público médio de ouvintes de podcasts determinado pela PodPesquisa (2019), citada anteriormente.

Fizemos a gravação das narrações em videochamada via Google Meets no dia 30 de novembro. Por isso, a qualidade do som não é tão boa quanto poderia ficar. Por conta dos equipamentos caseiros utilizados, também há uma desigualdade no tom entre os áudios de narrações. Para que o trabalho possa ser divulgado em alguma mídia ou plataforma de streaming de forma profissional, como pretendemos fazer, nos comprometemos a regravar as narrações no estúdio da Unicamp ou com equipamentos melhores em São Paulo. O áudio original foi publicado na plataforma SoundCloud para que a banca possa ouvi-lo – o link está disponível no Anexo 1.

4.4. Resultados

A produção final do projeto resultou em um episódio de 24 minutos e 16 segundos sobre a produção de ciência e de conhecimento feita pelo Museu do Ipiranga. Todo o trabalho de pesquisa e extensão é realizado por sete docentes, com apoio de outros setores da instituição.

Além do trabalho do MP, nosso episódio retoma brevemente a trajetória histórica dos museus enquanto instituições de produção e de divulgação científica. Fazemos um caminho de dentro para fora: a partir do caso do Museu do Ipiranga discutimos o papel dos museus dentro da produção e divulgação de ciência no país.

Conclusão

Visto que os podcasts de DC estão entre os mais populares nas plataformas de áudio, esperamos que nosso trabalho sobre o papel do Museu do Ipiranga na produção de ciência na área de historiografia e museologia contribua para o crescimento do interesse sobre a produção científica nas áreas de ciências humanas e sociais, que costumam ser tão negligenciadas em nosso país. Esperamos que nosso trabalho traga uma reflexão sobre a construção da identidade do povo brasileiro e sobre as versões da história que são amplamente ensinadas aos jovens por meio da educação formal e também informal.

Uma frase que ecoou em nossas mentes enquanto líamos sobre o tema, e que foi dita por alguns dos nossos entrevistados, é que a “história é contada pelos vencedores”. Buscamos, com este episódio piloto do “Museologia”, mostrar que a história também pode – e deve – ser (re)contada por outros pontos de vista – outros contrapontos.

Também esperamos que, ao acompanhar nosso projeto, nossos ouvintes passem a valorizar ainda mais o trabalho dos cientistas e pesquisadores que promovem a cultura e a educação no Brasil, além do trabalho de outras pessoas como nós, divulgadoras de ciência.

Por último, também esperamos que este tenha sido apenas o piloto de um projeto longo. Muitos dos museus brasileiros são negligenciados pelo poder público, a eles são negados investimentos financeiros e recursos para manutenção, mas nós queremos – e muito – contar a ciência que há por trás deles.

Bibliografia

ABPOD – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS. **PodPesquisa 2019-2020**. 2020. Disponível em:

<https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-2019-Resultados.pdf>

ALVES, Ana Maria de A. **O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder. O Museu Paulista, 1893-1922**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico: conceitos e funções**. Ciência e Cultura, n. 37, v. 9, p. 1420-1428, set. 1985. Disponível em:

<https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>

COCOTLE, Brenda Caro. **Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea**. In: MASP e AFTER All (org.). Arte e Descolonização. 2019, São Paulo: MASP. Disponível em:

<https://masp.org.br/uploads/temp/temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf>

FIGUEIRA, Ana Cristina Peixoto. **Podcasts de Divulgação Científica:**

levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros, 2020. 94f: il. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/46114/Ana_Figueira_COC_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y

EDUARDHA ESPINDOLA CHAVES, P.; CHAVES, P.; NOAL SACHET, L.; RODRIGUES LOPEZ, D.; AUGUSTO RIELLA DE MELO, C.; MANSUR MACHADO, M.; MOREIRA FARIAS, F. **O uso do podcast como ferramenta de divulgação científica**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 11, n. 3, 4 dez. 2020

IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Anais 200 anos de museus no Brasil: desafios e perspectivas. Brasília, DF, 2018. Disponível em:

https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/12/Anais-200anosMuseusBrasil_FINAL.pdf

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda . **O Museu, um ator sui generis na construção do campo científico e da nacionalidade no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004 (Resenha). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/zPnLHNswgczCW656gpMCqyy/?lang=pt#>

LOUREIRO, J. M. M. **Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia**. Ciência da Informação, [S. l.], v. 32, n. 1, 2003. DOI: 10.18225/ci.inf.v32i1.1022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1022>

OLIVEIRA, Lucas Silva Beserra de. **Análise e categorização da divulgação científica em podcasts**. 2021. 34 f.: il. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Química) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021

Anexos

1. Roteiro – Episódio piloto “Museologia”

Disponível para reprodução em: <https://bit.ly/3UzdT7J>

Nota para edição:

Em **Amarelo**: Sons ambientes, vinheta ou cenas

Em **Verde**: Narração

Em **Rosa**: Entrevistas

[SOBE SOM]

Próxima estação Alto do Ipiranga + Som ambiente metrô

Narração Juliana

O bairro do Ipiranga em São Paulo tem uma personalidade forte e histórica. Se o centro é o coração da cidade, o Ipiranga guarda sua memória. E tudo por conta de um um pequeno marco da história do Brasil

[Som de fita rebobinando]

Hino Nacional: Ouviram do Ipiranga às margens plácidas

Cena do filme: independência ou morte

Narração Letícia

Esse grito que você ouviu é de uma cena do filme “Independência ou Morte”, lançado em 1972. Se você reconheceu a voz é porque ela é realmente bastante conhecida. Quem fez o papel do Dom Pedro I nesse filme foi o ator Tarcísio Meira, e essa cena é justamente aquela em que o monarca declara a independência do Brasil aos gritos em 1822.

Esse momento histórico nas margens do rio Ipiranga, que foi canalizado há tempos em São Paulo, colocou o bairro em evidência. Hoje, onde corria o rio, se encontra o museu que busca preservar a memória e a imagem da cidade de São Paulo e da

construção da identidade brasileira. O bairro do Ipiranga é tão marcado pela presença do Museu que logo na saída da estação Alto do Ipiranga tem uma maquete dele dando boas vindas a quem chega ali.

[Sobe som dos visitantes]

Narração Juliana

O Museu do Ipiranga, ou Museu Paulista, foi inaugurado em 7 de setembro de 1895. É o museu mais antigo de São Paulo e é nele que está aquele quadro famoso que você provavelmente viu no seu livro de história, o “Independência ou Morte”, pintado na Itália pelo artista Pedro Américo em 1888 – muito tempo depois do tal grito da independência.

O museu foi idealizado para ser um monumento em comemoração à proclamação da independência do Brasil e com intenção de ser uma instituição científica, assim como era o Museu Nacional, inaugurado no Rio de Janeiro em 1818, quase 80 anos antes do Museu Paulista

[Sonora Ana Paula]

Acho isso é sempre bom a gente pensar porque ele é um museu dirigido por cientistas e que tinha uma vocação à princípio de um museu enciclopédico. Então ele não é no Museu de História, ele era um museu geral. O primeiro diretor dele vem da comissão geológica e geográfica, o Hermann von Ihering, e ele é voltado para esse tipo de atividade. Ele é um centro de pesquisa no começo, a gente pode até falar assim, que tem exposições, mas que a maior parte da área dele era de coleta e dessas coleções de estudo.

Narração Juliana

Essa que você escutou agora é a Ana Paula Nascimento, professora do Museu Paulista. Foi ela quem nos guiou pelo espaço que foi reformado durante os últimos nove anos.

[Sonora Ana Paula]

Os cabelinhos estão aqui, ó

Esses são os cabelos genéricos e esses são os das princesas. *De verdade mesmo?*

Sim, são aqueles que estavam no salão nobre. *Que legal!* São os cabelinhos do salão nobre, eles vieram pra cá

[Trilha sonora– 3s]

Narração Juliana

Eu sou a Juliana Stern.

Narração Letícia

E eu sou a Letícia Naísa. E você está ouvindo o Museologia, o podcast que te conta a ciência por trás dos museus.

[Trilha sonora– 3s]

Narração Juliana

Depois de nove anos fechado, o Museu Paulista foi reaberto em 2022, em comemoração aos 200 anos da independência do Brasil. O edifício-monumento, como é chamada a construção, recebe os visitantes com colunas gregas, e uma escadaria digna de um castelo europeu. O prédio fica ao fundo de um longo jardim com chafarizes ao centro.

[Sonora Versalhes]

[22s – 25s] É a versalhes brasileira

Narração Juliana

É, Lê, quase isso [risos]. Mas, ao contrário do palácio francês, o museu nunca foi casa da família real. Ele, de fato, foi feito no século 19 já para ser um museu. E em 1963, ele foi integrado à Universidade de São Paulo, a USP. Desde os anos 90, ele desenvolve três linhas de pesquisa: Cotidiano e Sociedade; Universo do Trabalho e História do Imaginário.

Narração Letícia

Essas linhas estão divididas em quatro andares de exposições, que são só a ponta do iceberg quando a gente pensa no tanto de produção científica que tem por trás delas. Antes da reforma, os visitantes entravam pelas escadarias da frente. Agora, a bilheteria fica numa espécie de subsolo e a entrada é pelas laterais.

[Sonora Chegada ao Museu]

Tem ingresso? bem-vindos. Obrigada etc

Narração Juliana

Com a reforma, o museu ficou com o dobro de espaço que tinha antes, e está com 11 exposições de longa duração. Dá pra passar um dia inteiro ali dentro tranquilamente

Narração Leticia

E a gente poderia passar um dia inteiro também contando sobre cada uma das exposições. Mas aqui, a gente vai focar em um aspecto do museu que tem ligação com o desenvolvimento de pesquisa e de ciência.

[Sonora Ana Paula]

A gente trabalha com cultura material. A gente produz conhecimento a partir do que o homem produz, das coisas, dos trecos, das coisas. São as coisas que levam a gente a produzir esse conhecimento.

Narração Juliana

É subindo uma escada rolante, depois de passar a bilheteria, que a gente chega às coisas e trecos que a professora Ana falou. No saguão principal, nas pontas, estão duas estátuas enormes dos bandeirantes Raposo Tavares e Fernão Dias Pais Leme – sim, aqueles mesmos que nomeiam ruas pela cidade de São Paulo.

Entre os dois bandeirantes, está uma escada de palácio, feita de mármore, e bem ao centro tem uma grandiosa figura de Dom Pedro I com a inscrição da data de 7 de setembro de 1822.

Essas figuras exaltam tanto o evento da declaração quanto a formação do estado de São Paulo. O museu tomou esse caminho sob direção de Afonso Taunay, que ficou à frente do museu por 45 anos. Ele assumiu o posto em 1917 com a missão de prepará-lo para as comemorações do centenário da independência do Brasil, que aconteceria em 1922.

[Sonora Luciana]

Com a chegada do Taunay é que essa guinada em direção a história, ela acontece de uma maneira mais efetiva e ele passa a se tornar um Museu Histórico e de história de São Paulo.

Narração Leticia

Essa que está falando sobre o ex-diretor do Museu é a Luciana Conrado Martins, historiadora, especialista em museologia e sócia da Percebe, uma consultoria para museus e instituições culturais. Foi na gestão de Taunay que o Museu Paulista passou a ter um papel importante na construção da imagem de São Paulo. Essa ideia de que os paulistas, assim como seus heróis bandeirantes, são aventureiros, desbravadores e são a locomotiva do Brasil também foi formada ali nos corredores do edifício-monumento.

[Sonora Luciana 2]

É uma construção na qual a historiografia do século 19 se apoia e o Taunay principalmente, vai forjando, né, uma série de documentos, entre aspas, históricos para apoiar a construção dessa narrativa.

Narração Juliana

Foi só agora, depois dessa repaginada que o Museu passou, que essa história foi revista.

Nessa tentativa de recontar a história, a instituição aposta em trazer pontos de vista até então omitidos, como das comunidades indígenas, de negros escravizados e como se davam as relações desses grupos com as elites brancas até o século 19.

Uma das novas exposições do Museu do Ipiranga se chama Passados Imaginados. São reunidas obras que foram feitas muitos anos depois dos eventos que elas representam, como os quadros Primeira Missa no Brasil, Os Bandeirantes e Fundação da Cidade do Rio de Janeiro.

[Sonora mesa de apoio museu]

“O passado pode ser imaginado, mas jamais pode ser visto. Em um museu de história você é convidado a refletir sobre imagens e entender o porque elas foram feitas dessa maneira. Convidamos você a desafiar as imagens ao seu redor. Como o passado foi representado nelas e com quais intenções?”

Narração Leticia

Esse texto está logo na entrada da exposição Passados Imaginados, ao lado de uma linha do tempo. Essa linha mostra quando foram feitas as obras de arte que representam os primeiros eventos da colonização portuguesa, desde a chegada das caravelas no litoral brasileiro. Essas obras foram criadas para difundir uma visão glorificada e heróica de personagens e eventos do passado, que deveriam ser lembrados dessa forma por todos os cidadãos.

[Sonora Ana Paula]

Agora essas pinturas sempre precisam de uma explicação. Porque assim elas são o que o artista entendeu no momento que ele criou, a partir do grupo com o qual ele está ligado. Mas é uma visão de um período que não é o período do fato e nem o nosso. Então você tem que sempre explicar isso e explicar a chave do que é uma pintura histórica. **[40s]**

Narração Leticia

Nesse ponto da visita, a Ana nos mostrou o quadro “Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500”, do pintor Oscar Pereira da Silva. Essa obra foi pintada em 1900 para comemorar os 400 anos do descobrimento. A figura de Cabral e uma bandeira com uma cruz estão no centro da cena do encontro entre indígenas e portugueses. Os indígenas foram retratados com uma expressão pacífica, enquanto Cabral está ali representando a chegada da “civilização”, entre aspas, vinda da Europa.

[Sonora Ana Paula]

O nosso passado, ele é muito doce, né? Não é uma invasão, não tem conflito, né? Aqui é uma missa, né? Eu tenho uma outra religião, uma outra cosmologia, mas aí chega um cidadão. Uma nau, várias naus, eles chegam aqui com outra fé e tudo bem. E todo mundo sabe que não foi assim.

[Narração Letícia]

Para informar o visitante que a história não foi bem assim, o museu apostou em mesas com textos, áudios e vídeos que foram sinalizados como Contrapontos. Ali, fica explicado que as obras históricas são representações de uma determinada classe social sobre um determinado período histórico, e que não são uma verdade. Além da pintura do descobrimento, o quadro “Primeira Missa no Brasil” também está sinalizado com contrapontos.

[Sonora gravação museu Primeira Missa]

“Em 1860, o pintor Victor Meirelles imaginou um encontro com uma cerimônia católica, em que portugueses e indígenas estão juntos e em harmonia. O nome dessa pintura é ‘Primeira Missa no Brasil’. Mas perceba como o protagonismo é dos portugueses, cabendo aos indígenas aceitar passivamente a fé católica trazida pelos europeus.”

[Trilha sonora – 3s]**[Narração Ju]**

Sobre isso, Amancio Jorge de Oliveira, o atual vice-diretor do Museu Paulista, lembra uma frase clássica: a história é contada pelos vencedores.

[Sonora Amâncio]

Quer dizer os fazendeiros, né ou mesmo Bandeirantes que quem quer que seja, devem contar essa história como se fosse uma relação como você disse mais harmônica complementar sinérgica, né? Sendo que na verdade havia muita imposição, né? Muita redução de liberdade, muita coerção. E na hora de representar isso parece que existem essas relações harmônicas. É óbvio que quem está

contando essa história não vai contar essa angulação, não vai contar essa interpretação. Eu acho que aí cabe essa ideia do pesquisador trazer luz para essa outra visão e dar voz para quem não tinha voz na hora que essas peças foram idealizadas.

[Trilha sonora]

Sobe som - relato Tupinambá (1'01")

“Vi a chegada dos portugueses em Pernambuco e Potiú; e começaram eles como vós, franceses, fazeis agora. De início, não faziam outra coisa senão traficar sem fixar residência. Mais tarde, disseram que nós devíamos nos acostumar a eles, que precisavam construir fortalezas e cidades para morar conosco. E assim parecia que desejavam que constituíssemos uma só nação. Mandaram vir os padres; e estes ergueram cruzes e principiaram a instruir e batizar os nossos. Mais tarde afirmaram que nem eles, nem os padres podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. E assim, se viram os nossos constrangidos a fornecer-lhes escravos capturados em guerra. Mas não satisfeitos, os portugueses quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação.”

Narração Juliana

Você escutou a narração da tradução do relato do chefe Tupinambá chamado Mombaré-uaçu, da aldeia de Essauap, no Maranhão, feita pelo Padre capuchinho Claude d’Abeville em 1612.

A narração está presente na sala “Aliança ou Conflito” da exposição e é um dos poucos registros que fala das chegadas dos europeus e sua relação com os povos indígenas não como um ato de grandeza, mas sim como um relato da tirania e da crueldade que trouxeram.

[Trilha sonora– 3s]

Narração Leticia

Da mesma forma que a identidade brasileira foi construída por meio dessas grandes

obras – e desconstruída pela ciência –, a visão da história dos vencedores também está presente na construção da imagem de São Paulo e dos paulistas. Outro ponto alto da exposição Passados Imaginados está nas obras que retratavam a capital paulista e seus heróis, os bandeirantes.

Esses homens foram os líderes das chamadas bandeiras, expedições com objetivo de escravizar indígenas capturados nos sertões ou procurar ouro, prata e pedras preciosas.

[Alterar a voz na edição durante a leitura abaixo]

Leitura exposição

“Entre os temas mais frequentes das pinturas de história estão as representações de personagens tidos como heróicos e também as sagas, isto é, narrativas de grandes feitos marcados por obstáculos que deveriam ser vencidos.” - leitura exposição

[Sonora Ana Paula]

São Paulo era muito pequeno e São Paulo tá enriquecendo com café. Com açúcar primeiro e com o café. A elite tem esse desejo de se afirmar perante o país.

É uma construção histórica que, claro, é um grupo de poder brigando com outro grupo de poder. É uma república que tá brigando com o império. São Paulo, eminentemente republicana. A república não foi implementada aqui, mas quase né? Você tem o PRP, você tem os presidentes. Então é esse grupo, é essa elite que está tentando suplantar uma elite monarquista que está ligada ao Rio de Janeiro e ao nordeste.

Narração Juliana

Por exemplo: na parte da exposição batizada de “Criando Personagens”, a maior pintura exposta representa a partida de uma monção, um tipo de expedição que era realizada em canoas pelos rios ao interior brasileiro.

A tela “Partida da Monção”, de Almeida Júnior, pintada em 1897, representa uma expedição fluvial entre a vila de Porto Feliz, em São Paulo, em direção a Cuiabá, no Mato Grosso.

O artista pintou uma cena pacífica, com bandeirantes, negros escravizados e indígenas em uma aparente harmonia durante a benção que antecede a partida. Mas os percursos, na verdade, eram marcados por conflitos com nativos que procuravam se defender da invasão de seus territórios.

Narração Leticia

Nesse sentido, Amancio também explicou como o fazer científico dentro de um museu passa por esse trabalho de interpretação e revelação da realidade.

[Sonora Amâncio]

Então, o museu, essa exposição mas o museu de uma maneira geral, convive com esse momento histórico e as interpretações desse realce de grandeza. Mas ele procura, aí já com uma curadoria, vamos dizer, mais atual, procura trazer um realce que é contrapontos, né? Que está presente também nessa exposição, ou seja, quais são os contrapontos sociais? Qual é a angulação e a interpretação que não foi realçado naquele momento, mas que o museu quer fazer isso? E quando ele não pode – e de fato não pode fazer isso – numa tela, por exemplo, ou numa maquete, ele o faz nos textos de apoio, na descrição, na análise, na interpretação.

Narração Leticia

A Luciana, da Percebe, contou que a historiografia tradicional, aquela do século 19, se baseava em documentos oficiais e na história política e econômica trazida pelos grandes líderes – ou seja, a elite composta por homens brancos.

[Sonora Luciana]

E outros personagens que existiam, como os indígenas, os negros, as mulheres, os pobres, eles foram eclipsados dessa narrativa. Não existe a história dessas pessoas. E a história dessas pessoas é importante, porque é a história de pessoas como eu, como você, que é fundamental para compreender como a sociedade funciona

Diferentemente da história dos vencedores, a história dos vencidos não é documentada.

Narração Leticia

É a partir da segunda metade do século 20 que acontece uma transformação na ciência histórica.

[Sonora Luciana]

[05:28] É fundamental que a gente tenha uma busca por essas vozes do passado, seja por meio de objetos materiais, de pesquisa de história oral, de levantamento de novas documentações ou olhar renovado em documentações estudadas anteriormente pra que a gente possa fazer emergir e tirar do fundo do poço a história dessas pessoas **[06:01]**

[sobe som para cortar a fala]

[Sonora Luciana]

[06:21] Os museus têm que ser, eles não podem ser só museus da elite, que contam histórias da elite. Eles têm que ser museus que se abrem para a história da sociedade em geral. As pessoas têm que se ver refletidas ali, aquela história não pode ser a história do outro, ela tem que ser a minha história também, para aquela instituição fazer sentido pra mim, pra eu achar que faz sentido preservar aquela instituição e o que ela desenvolve enquanto pesquisa, enquanto exposição, enquanto ação educativa **[06:50]**

Narração Leticia

E essa repaginação só acontece por conta dos avanços científicos nas áreas da historiografia e da museologia.

O conhecimento científico, inclusive, começa a ser produzido e divulgado em museus muito antes das universidades.

[Sonora Inês Gouveia]

[00:30] os museus antecedem as Universidades esse modelo de produção de ciência, ele acontece primeiro instituições que são museus antes desse modelo que nós temos hoje da produção do conhecimento associado às Universidades como essas instituições modernas. Que nós conhecemos hoje **[00:52]**

Narração Leticia

Essa que está falando é a Inês Gouveia, professora do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, doutora em Museologia e Patrimônio, mestra em Memória Social e Historiadora. Essa invenção dos museus como lugar de produção e de divulgação de ciências aconteceu na Europa e foi levada aos países colonizados. Consequentemente, o Brasil teve os museus como primeiras instituições científicas.

[Sonora Inês Gouveia]

[01:38] Historicamente o museu está associado, a partir da reunião de coleções, e do estudo dessas coleções, está associado à produção do conhecimento e, contemporaneamente, em muitas direções. Além dessa direção da produção da ciência e do estudo das coleções e o quanto isso resulta de produção de conhecimento para diversas áreas, aqui estamos falando de diferentes áreas do conhecimento científico pensando desde a zoologia, botânica, arqueologia, paleontologia, diferentes áreas do conhecimento científico e também, evidentemente, pensando em ciências humanas e sociais. Mas, contemporaneamente, também estamos falando não só da produção da ciência, mas da divulgação do conhecimento científico **[02:46]**

[Trilha sonora]

[Sonora Amâncio 3]

É um fazer científico de uma maneira muito peculiar que os museus fazem, mas não deixa de ser fazer ciências. É só fazer ciência com métodos distintos de outras áreas. Apenas isso. Mas, à medida que ele seleciona, cataloga, interpreta e repassa essa interpretação, está também fazendo ciência em alto nível

[Trilha sonora– 10s]

Narração Juliana

Se você pretende visitar o Museu do Ipiranga, recomendamos que passe pelos corredores do edifício-monumento com um olhar atento a esses contrapontos.

E não deixe de visitar mais uma das exposições de alto nível do museu. O novo mirante, que não existia antes da reforma, que te dá uma das vistas mais privilegiadas da cidade de São Paulo.

[Sonora Ana no Mirante]

[51:57] Quer tentar ir ao mirante? Hoje não está tão cheio **[51:59]**

[52:24] Esse horário está mais sossegado. *Qual o horário bom pra ir no mirante?* De 11h até 12h no máximo, pessoal está almoçando. (...) Até seis horas tem bastante gente **[51:40]**

[53:43] Todo nosso! **[53:45]**

[53:49] Olá, tudo bom? Podemos subir? Pode ficar à vontade! Obrigada! **[54:00]**

[54:34] E hoje está um dia lindo né? Sim! **[54:46]**

[Trilha Sonora – 10s]**Narração Juliana**

Esse foi o primeiro episódio do Museologia, o podcast que te conta a ciência por trás dos museus.

Narração Letícia

Eu, Letícia Naísa, e a Juliana Stern fizemos a produção, reportagem, roteiro e apresentação desse episódio, com orientação da professora Sabine Righetti, do Labjor, da Unicamp. E a edição foi do Daniel Rechtman. Até a próxima!

[Trilha sonora – 10s]**[Fim do episódio]**